

ESCOLA ESTADUAL JOAQUIM JOSÉ DE ASSUNÇÃO

O DIAMANTE NEGRO DO TEJUCO

Chica da Silva como personagem histórico e cultural de Minas Gerais

Coromandel, MG

2023



Andressa Marques da Fonseca
Heitor Vinicius Ramos de Castro
Matheus Aparecido de Pádua Assis

Rodrigo Rodrigues de Freitas Brandão

O DIAMANTE NEGRO DO TEJUCO

Chica da Silva como personagem histórico e cultural de Minas Gerais

Relatório apresentado à 7ª FEMIC - Feira Mineira de Iniciação Científica. Orientação do Prof. Rodrigo Rodrigues de Freitas Brandão.

Coromandel, MG

2023



RESUMO

Nosso projeto é parte do Programa de Iniciação Científica na Educação Básica promovido pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais abrangendo aluno-pesquisadores do 9º ano e do Ensino Médio. Nossa proposta de trabalho é sobre a história de uma importante personagem mineira, Francisca da Silva de Oliveira, a Chica da Silva e tem como objetivo analisar a influência da figura de Chica, na cultura brasileira, bem como investigar o papel dos diamantes na moldagem da sociedade mineira, além de investigar a vida e o contexto histórico de Chica da Silva, destacando sua origem, condição de escrava e posterior forra, e a relevância de sua história na sociedade mineira dos séculos XVIII, XIX e XX. Para isso, visamos examinar como ela foi retratada ao longo do tempo e compreender sua importância histórica e cultural. Durante nossa pesquisa usaremos dois métodos de pesquisa: o Histórico e o Comparativo, como uma forma de alcançar a proposta de pesquisa através do levantamento bibliográfico sobre a Chica. Nos anos que se seguiram a sua passagem, Francisca da Silva foi retratada com várias formas, algumas pejorativas e carregadas de preconceitos raciais como a do advogado Joaquim Felício dos Santos que em 1868 publicou a obra “Memórias do Distrito Diamantino” onde retrata uma Chica vulgar e sem beleza. Em contramão, temos a pesquisa da historiadora Júnia Ferreira Furtado, que em 2003 publicou a obra “Chica da Silva e o Contratador de diamantes: o outro lado do mito”, onde faz um levantamento histórico de Chica da Silva e fazendo as discussões sociais inerentes a essa persona. Chica traz consigo uma carga cultural que muitas vezes é associada ao povo negro, como por exemplo, a sensualidade extrema e os estereótipos da etnia. Estudar a história da Chica da Silva é estudar a formação da sociedade mineira/mineradora e escravista que prosperou graças ao sangue e suor dos africanos e afro-brasileiros cativos.

Palavras-chave: Chica da Silva; Escravidão; Minas Gerais; Diamantes; Cultura Afro-brasileira.



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 JUSTIFICATIVA	7
3 OBJETIVO GERAL	9
4 METODOLOGIA	10
5 RESULTADOS OBTIDOS	12
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS	18



1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte do Programa de Iniciação Científica na Educação Básica (ICEB) promovido pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEEMG), que contemplou a Escola Estadual de “Joaquim José de Assunção”, da cidade de Coromandel – MG, através do Edital nº 04 de 02 de fevereiro de 2023 com um Núcleo de Pesquisa composto de doze alunos-pesquisadores do 9º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio e um professor orientador.

O nosso Núcleo de Pesquisa está desenvolvendo o projeto: “‘Chica que manda’: a construção do mito de uma escravizada que se tornou rainha dos diamantes em Minas Gerais no século XVIII”, no período de maio de 2023 até dezembro de 2024. Durante esse período estamos pesquisando intensamente a história de Francisca da Silva de Oliveira, a Chica da Silva e da extração dos diamantes na capitania das Minas Gerais do século XVIII, usando o levantamento bibliográfico como um dos métodos de pesquisa e visitas de campo como, por exemplo, a cidade de Diamantina – MG (antigo arraial do Tejuco) e a garimpos na nossa região.

Assim, a presente pesquisa é um desmembramento do projeto citado e busca fazer um breve relato da história e o legado de Chica da Silva, uma mulher que nasceu escravizada, mas ascendeu em meio a uma sociedade de cultura racista e posteriormente se consagrando como "rainha" dos diamantes no Tejuco, ademais discutiremos de que forma sua história de vida foi representada na cultura brasileira.

No contexto da história do Brasil colonial, a figura enigmática de Chica da Silva revela-se como um símbolo complexo de superação e resistência, entrelaçada com as narrativas de diamantes e escravidão. Nascida em meio à opressiva época da escravidão no século XVIII, Chica trilhou um caminho excepcional, que ecoa os contrastes da opulência dos diamantes e as amarras sociais impostas pelo sistema escravista. Sua trajetória singular revela não apenas a luta contra a opressão racial e social, mas também a capacidade de transcender as barreiras impostas por um sistema que, paradoxalmente, encontrava riqueza e prosperidade nas profundezas da terra, enquanto oprimia vidas humanas.

Este texto explora a intrincada teia de conexões entre a vida de Chica da Silva, a próspera indústria de diamantes e a estrutura social impulsionada pela escravidão, lançando luz sobre um capítulo crucial e muitas vezes esquecido da história do Brasil.



Nos quase trezentos anos que seguiram sua passagem por Diamantina, Chica foi representada de várias formas distintas no cenário cultural brasileiro passando pelas personas de sedutora, bruxa, heroína, rainha, escrava.

Retratada por memorialistas como o advogado Joaquim Felício dos Santos que ao longo da segunda metade do século XIX a descreveu com

feições grosseiras, alta, corpulenta, trazia a cabeça raspada e coberta com uma cabeleira anelada em cachos pendentes [...], não possuía graças, não possuía beleza, não possuía espírito, não tivera educação, enfim não possuía atrativo algum, que pudesse justificar uma forte paixão. (SANTOS, 1978, p.170)

Em oposição a esse relato, em 1976 o cineasta Carlos José Fontes Diegues, conhecido como Cacá Diegues, traz uma Chica bem diferente na sua obra cinematográfica “Xica da Silva” tendo Zezé Motta como atriz principal, no papel de uma sedutora, uma *femme fatale*, que usa de sua beleza e corpo para conseguir tudo o que queria dos homens que se envolveu.

No início do século XXI, a historiadora Júnia Ferreira Furtado publica sua pesquisa intitulada “Chica da Silva e o contratador de diamantes: o outro lado do mito”, onde amparada em documentação oficial de arquivos do Brasil e Portugal, mostra um lado humano da Chica, libertando-a dos estereótipos a ela impostos.

A trajetória singular de Chica, de escravizada a "rainha" dos diamantes, oferece um rico campo de análise para compreender não apenas a resistência e superação individual, mas também as complexas dinâmicas sociais e econômicas da época. Além disso, este estudo evidencia a evolução das representações de Chica da Silva ao longo da história cultural brasileira, mostrando como as perspectivas variaram desde estereótipos desumanizantes até narrativas que buscam desvendar a complexidade de sua vida.



2 JUSTIFICATIVA

A escravização dos africanos no Brasil começou com a autorização do rei D. Sebastião em 29 de março de 1559, onde o monarca português permitiu que até 120 “peças de escravos” fossem capturados no Congo para servirem nos engenhos de açúcar (BUENO, 2012). O tráfico negreiro para Brasil durou até 1850 com a promulgação da Lei Eusébio de Queirós e trouxe 4,9 milhões de cativos, o equivalente a 47% do total desembarcado no continente americano (GOMES, 2019). Esse período triste de nossa história só encerrou oficialmente no dia 13 de maio de 1888 com a Lei Áurea.

Segundo dados do Censo 2022 do IBGE pretos e pardos representam hoje 55,8% da população brasileira, mostrando que mesmo com o preconceito existente na nossa sociedade somos um povo miscigenado e de maioria negra, mas com pouca visibilidade na História brasileira. Temos personagens negros estudados em nossas escolas como Zumbi dos Palmares, Machado de Assis, Aleijadinho, Luís Gama, Maria Carolina de Jesus e José do Patrocínio. Mas suas histórias muitas vezes são apenas notas de rodapé nos livros didáticos, mostrando um racismo estrutural que deve ser combatido diariamente pelos educadores.

Chica da Silva foi um fenômeno comum na sociedade mineira do século XVIII (FURTADO, 2003), mas fascinante que deveria ser lembrada, pois mostra uma outra realidade do escravizados que não é mostrado nos livros didáticos. A pecha a ela imposta por obras da cultura popular talvez tenha contribuído para sua invisibilidade.

Outro aspecto importante a ser mencionado e que justifica a relevância do tema são os diamantes, descobertos oficialmente no Brasil em 1729 no arraial do Tejuco, pois mudaram a dinâmica da região, atraindo migrantes em busca dessas preciosas pedras. Essa descoberta fez surgir festejos e procissões que mobilizaram o povo português. “Felicitações chegavam de toda Europa; em Roma, o Papa Clemente XI mandou celebrar graças solenes [...] e os cardeais felicitaram ao Rei de Portugal.” (FURTADO, 2003, p. 28).

Agora a corrida do ouro e dos diamantes provocou o desbravamento e a ocupação das Minas Gerais, mas provocou o despencar dos preços das pedras preciosas no mercado europeu, tamanha era sua abundância no distrito diamantífero.



Hoje, a extração de diamantes está concentrada em pequenas áreas de Minas Gerais, incluindo a cidade de Coromandel que desde o século XIX, “se tornou uma das principais áreas diamantíferas de Minas Gerais e do Brasil. Além disso, Coromandel/MG é mundialmente reconhecido pela descoberta periódica de diamantes “gigantes”, ou seja, os de peso superior a 100 quilates” (GONÇALVES e MENDONÇA, 2011, p.67).

Assim, estudar a história de Chica e dos diamantes equivale a estudar a história do povo mineiro, uma população que é a essência do Brasil e tem personagens fascinantes, como Francisca da Silva de Oliveira, a nossa Chica da Silva.



3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Estudar a figura de Francisca da Silva e como sua história de vida foi influenciada pela sociedade mineira e diamantífera do século XVIII, bem como ela foi retratada pela cultura no Brasil do século XX.

3.2 Objetivos específicos

- Entender quem foi Francisca da Silva de Oliveira, a Chica da Silva;
- Compreender como Chica da Silva marcou a cultura brasileira;
- Conhecer o modo de como a extração diamantífera influenciou a sociedade de Minas Gerais;



4 METODOLOGIA

A pesquisa utiliza dois métodos de pesquisa: método de pesquisa histórico e método de pesquisa comparativa. Os métodos de investigação histórica incluem, entre outras coisas, a análise do surgimento de uma determinada instituição em estudo, o contexto histórico em que ocorreram determinados eventos. Por outras palavras, através de uma abordagem histórica, é possível traçar as origens de um determinado fenômeno e obter uma compreensão mais profunda do seu impacto. O método comparativo examina coisas e eventos e os explica com base em suas semelhanças e diferenças. Este método permite a pesquisa indireta, analisando dados concretos e tirando conclusões sobre semelhanças e diferenças entre elementos constantes, abstratos e gerais.

Dessa forma, as reuniões online e encontros presenciais cumprem o papel de organizar tais ideias, sendo que, cada encontro específico se presta para que os pesquisadores, em conjunto, desenvolvam a leitura e coloquem em prática os métodos propostos.

Durante nosso trabalho realizamos os encontros semanais na escola, com o intuito de fazer as discussões acerca da bibliografia levantada, bem como uma forma de ir delimitando as ideias e conceitos a serem trabalhados.



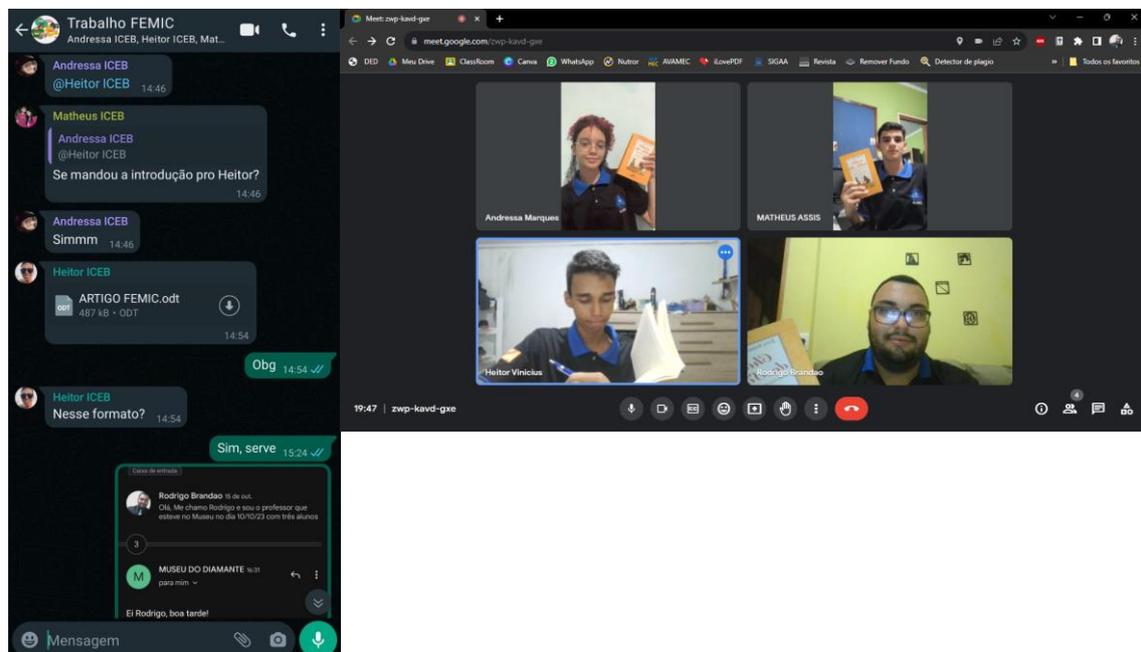
Fonte: acervo pessoal

No decorrer de nossas atividades de pesquisa fizemos uma visita de campo à casa da Chica da Silva e Museu do Diamante na cidade de Diamantina, onde pudemos ver in loco aquilo que estamos estudando. Aproveitamos esse momento para elaborar o roteiro do vídeo pitch que foi gravado na casa da Chica.



Fonte: acervo pessoal

A tecnologia nos ajudou bastante no desenvolvimento da escrita, pois usando os notebooks cedidos pelo Núcleo de Pesquisa pudemos fazer reuniões online onde a construção do texto se dava em tempo real, além disso criamos um grupo no WhatsApp para ir fazendo pequenas inserções ou discussões no decorrer do dia.



Fonte: acervo pessoal



5 RESULTADOS OBTIDOS

A trajetória de Chica da Silva teve como palco o arraial do Tejuco e seus arredores, na capitania das Minas Gerais. “Apesar de afastado, o arraial era como um caleidoscópio do mundo ao seu redor e a vida que lá transcorria espelhava seu tempo” (FURTADO, 2003, p. 27).

Segundo Laurentino Gomes a descoberta oficial dos diamantes em terras brasileiras se deu em 1729 e em 1734, foi criada uma administração específica para supervisionar toda a operação mineradora, a Intendência dos Diamantes (GOMES, 2021).

Porém, de acordo com Bueno (2012) as “fisqueiras” já estavam sendo exploradas desde 1714 de forma clandestina e com a notícia oficial, Lisboa colocou a região “na mais absoluta clausura, proibindo a presença de negros e pardos livres [...] vendas e tavernas foram fechadas, comerciantes expulsos. Um estado policial se instalou na região” (p.119).

As datas (lotes) e escrituras de propriedade foram anuladas, as pedras extraídas deveriam ser registradas e recolhidas, garimpeiros autônomos foram proibidos de exercer a sua profissão. O distrito Diamantino se tornou um Estado dentro de outro Estado, “com regras e leis distintas do resto da Capitania, submetido a uma administração especial” (ALVES E BORGES, 2018, p.93). Ninguém, nem o governador da Capitania tinha permissão para entrar sem um passaporte especial e na saída todos eram revistados. A posse ilegal de um diamante podia resultar em penas severas como o degredo para a África.

A riqueza das lavras fez a produção crescer de maneira vertiginosa, e as autoridades portuguesas logo perceberam que o preço do diamante era sensível, ligado diretamente à raridade das gemas. Com o excesso de oferta, o valor do quilate no mercado mundial despencou. (FURTADO, 2003, p. 31)

Joaquim Felício traz que as lavras de diamantes tornaram o comércio farto, “os mineiros os trocavam pelos gêneros de que necessitavam, ou os vendiam por ouro em pó ou em barras, que serviam de moeda no país” (SANTOS, 1978, p. 77)

Segundo Lima Júnior, o arraial do Tejuco era um importante ponto de convergência de negócios, análogo à Vila Rica e “atraia uma população numerosa, que



em pouco tempo levava uma vida opulenta, graças ao intenso comércio de que era centro” (LIMA JÚNIOR, 1978, p. 61-64 *apud* FURTADO, 2008, p. 37).

A partir de 1740, um novo sistema de exploração passou a vigorar na região: o Contrato de Diamantes, onde a Coroa vendia o direito de exploração a um contratante privado. Até 1771 foram celebrados seis contratos, quando então a Coroa optou pela administração direta da extração. Nessas três décadas contrato, segundo Gomes (2021) foram enviados a Portugal 1,7 milhão de quilates de diamantes (aproximadamente 340 quilos de pedras).

Uma personagem importante que devemos dar notoriedade é o próprio Desembargador João Fernandes de Oliveira. Nascido em 1727, nascido em Mariana-MG, cujo nome foi herdado de seu pai e de seu avô. Em 1753, com seus 26 anos iniciou sua trajetória como quarto contratador de diamantes no Arraial do Tejuco, chegando ao ápice da mineração em Diamantina ele foi considerado o homem mais rico das Américas.

No exercício do contrato João Fernandes, era virtualmente um monarca local, enorme era o poder sobre as riquezas e as pessoas no Tejuco, não respondendo a ninguém a não ser à Coroa em Lisboa. Ele acabou administrando os três últimos contratos, como representante e depois como sócio de seu pai.

Júnia nos relata que no segundo semestre do ano de chegada, João Fernandes comprou de Manuel Pires Sardinha, por 800 mil réis, a escrava parda Francisca e em dezembro registrou sua carta de alforria.

Francisca da Silva, nasceu entre 1731 e 1735, foi uma mulher parda, filha da negra Maria da Costa e do português Antônio Caetano de Sá. Chica nasceu no Arraial do Milho Verde, hoje pertencente a Serro, sendo primeiramente propriedade de Domingos da Costa, dono também de sua mãe, vivendo assim a maior parte de sua infância. Posteriormente, foi comprada pelo médico Manuel Pires Sardinha e levada ao Tejuco, com quem teve um filho chamado de Simão em 1751.

Entretanto, denúncias feitas à igreja por efeito de seu relacionamento proibido com Chica, o forçou a vendê-la. Vivendo um romance comum para época, mas realmente apaixonados, João e Chica tiveram treze filhos, sendo nove mulheres e quatro homens (todos reconhecidos e incluídos no testamento do contratador), em quinze anos juntos, de 1755 a 1770, o que questiona a ideia de uma *femme fatale*. Em decorrência de sua alforria Francisca adotou o sobrenome Oliveira de João Fernandes, o que foi



confirmado pelo batismo da primeira filha do casal, confirmando assim a união informal entre os consortes. Dessa forma nasce Francisca da Silva de Oliveira, a nossa Chica da Silva.

Nos anos que se seguiram ao relacionamento, João Fernandes concedeu luxos a sua amada, entre estes temos um plantel de escravos que ela arrendava, um luxuoso sobrado de madeira e adobe, com um jardim com árvores frutíferas e uma capela particular consagrada a santa Quitéria e talvez a mais lendária de suas propriedades fora a Chácara da Palha, uma construção com aparência de castelo com um teatro onde se encenava óperas e comédias, labirintos de roseiras e um tanque do riacho represado para representar o mar onde, segundo a lenda, um navio que era manobrado por 10 homens e estava a disposição da “rainha” do Tejuco. (ALVES e BORGES, 2018)

Em 1770, o contratador retornou para Portugal devido ao falecimento de seu pai e para tratar assuntos do inventário. Morreu nove anos mais tarde.

Mesmo a distância, porém, continuou a proteger os filhos e a cuidar dos interesses de Chica da Silva. Cada uma das filhas recebeu uma fazenda como herança. A um dos filhos homens, João, nomeado herdeiro principal, destinou um terço de todos os bens. José Agostinho, outro filho, ordenou-se padre e recebeu o dote necessário para ocupar uma capela. Chica educou as filhas no Recolhimento de Macaúbas, o melhor educandário feminino de Minas Gerais, reservado apenas às mulheres da elite. Uma delas se tornou freira. As demais retornaram ao Arraial do Tijuco, onde se casaram (GOMES, 2021, p. 376).

Dona Francisca da Silva de Oliveira morreu em sua casa em 1796, senhora de “grossa casa”, recebeu o reconhecimento social em seu sepultamento, pois “foi enterrada na tumba 16, no corpo da igreja da Irmandade de São Francisco de Assis, que teoricamente congregava apenas a elite branca local” (FURTADO, 2003, p. 245).

No campo cultural do século XX, Chica teve sua imagem e história de alguma forma deturpada. Isso ocorreu devido à ausência de dados confiáveis sobre sua vida, onde a maioria das informações foram fornecidas por Joaquim Felício dos Santos que com o passar do tempo se tornou a única referência sobre o assunto.

A consequência disso foi o preenchimento de lacunas na sua história com fantasias da imaginação literária o que acarretou a adição de outras qualidades ao mito. Em 1953, a autora Cecília Meireles em sua obra “Romanceiro”, retrata Chica como uma mulher sedutora e bela, a qual mandava e desmandava em João Fernandes. Já na obra “Rei branco, Rainha negra” de Paulo Amador, Chica é retratada com uma romântica



que luta pelos direitos das pessoas de cor, sendo uma benfeitora dos escravos que liberta e cuida, porém ainda assim rebelde e indomável, escrito com intenção de representar o povo brasileiro.

No teatro, Antônio Callado personificou Francisca como uma donzela astuta e que manda em João, um bobo, manso e incapaz. Na peça Chica se torna mulher independente e manipuladora, o que leva a crer ser uma bruxa que a todos encanta. Tal peça é descompromissada com a realidade criando a figura de uma Chica maquiavélica e de interesses junto a um contratador desprovido de perspicácia.

Na cultura cinematográfica, Chica da Silva foi representada de forma peculiar como no filme de 1976 do diretor Cacá Diegues onde Xica, agora com X, foi retratada com características sensuais “tão ao gosto da década de 1970, quando a revolução sexual liberta a mulher dos estereótipos que a mantinham presa à imagem de recato e confinamento do lar” (FURTADO, 2003, p.282).

Também foi retratada na novela de 1997 da Rede Manchete de autoria de Walcyr Carrasco, onde o limite entre o erótico e o mau gosto não tinham compromisso com a realidade do século XVIII, nessa obra o autor misturava desde uma atriz ícone do pornô italiano representando uma personagem na novela, com a trama que lembra o clássico renascentista Romeu e Julieta.

Apesar de sua fascinante história, não restou para a posteridade nenhuma imagem sua. Mandar fazer autorretratos era uma prática comum entre a nobreza e burguesia, mas não foi o caso de Chica e João Fernandes. Temos apenas os relatos que muitas vezes não foram de bom tom, como a descrição feita por Joaquim Felício dos Santos. Esse fato também contribuiu para que o mito da “Chica que manda” nascesse no cenário cultural brasileiro.

Por esse motivo, usamos da tecnologia da Inteligência Artificial e criamos a nossa imagem de Chica da Silva. Usamos, para isso, a impressão passada pela pesquisadora Júnia Furtado e nossa imaginação sobre como ela deveria ser e conseguimos o seguinte resultado:



Fonte: Aizzy.ai

Todavia, a imagem histórica distorcida de Chica da Silva nas obras citadas foi refutada pela historiadora Júnia Ferreira Furtado em seu livro, no qual a autora transcreve a trajetória de sua vida baseada em profundas investigações e em documentos históricos. Onde a personagem é representada como uma mulher histórica que vivenciou sua ascensão social no século XVIII em meio a um contexto racista e escravocrata, desfrutando o amor por quinze anos ao lado do contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de nossa pesquisa e estudos toda a equipe chega à seguinte conclusão, há de que Chica da Silva desempenhou um papel significativo em seu período, desafiando os padrões sociais estabelecidos. Ela se destacou na história colonial do Brasil como uma mulher afro-brasileira, de notável relevância e que ascendeu no âmbito de uma cultura segregacionista e supremacista dos Setecentos. No entanto, devido à presença do racismo estrutural e da falta de informações concretas, foi representada de forma distorcida na cultura brasileira.

Completamos ainda que a extração diamantífera foi expressivamente influente na sociedade mineira, uma vez que, Minas Gerais se tornou o polo exportador de pedras preciosas mais vigiado e importante do mundo, atraindo trabalhadores de toda colônia. Como resultado, a região diamantina foi fortemente marcada por expressões culturais advinda de uma sociedade marcada por miscigenação, devido ao um número elevado de descendentes de pessoas que eram cativas e imigrantes, acarretando desse fato o crescimento populacional nas áreas auríferas e entorno.

Compreendemos que apesar de se tornar uma figura invisibilizada para sociedade brasileira. Francisca da Silva de Oliveira, para além da representação estereotipada, revela-se como uma mulher autêntica que viveu em uma sociedade permeada de preconceitos, deixando um legado duradouro e servindo de inspiração para aqueles que vivenciam a marginalização.

Deste modo concluímos que o método proposto foi eficaz e profícuo fator que ajudou no aprofundamento e consistência da pesquisa, ademais, nós conseguimos obter resultados que condizem aos objetivos iniciais, onde a compreensão da forma que a economia e sociedade foram influenciadas pela extração diamantífera e por Chica da Silva.



REFERÊNCIAS

- ALVES, V.J.R.; BORGES, U.C.S. Periferização urbana e negligência ao patrimônio-territorial de Diamantina (MG). **Cenário**, Brasília, vol. 6, nº 10, p. 86-99, 2018.
- AIZZY. **Site do Aizzy**. Plataforma para desenvolver imagens através de inteligência artificial. Disponível em: <<https://images.aizzy.ai/8a5a4bd3-c06e-45d6-b05f-982ae2e2c09e/64d2e9feb52f26be30beaad7/generated/89cd29f4-1823-4bab-90c3-7ffa4e3d016f.png>> Acesso em: 16 ago. 2023.
- BUENO, Eduardo. **Brasil - uma história**: cinco séculos de um país em construção. Rio de Janeiro: Leya, 2012.
- FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da Silva e o contratador dos diamantes**: o outro lado do mito. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. **O livro da capa verde**: o Regimento Diamantino de 1771 e a vida no distrito diamantino no período da real extração. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFGM, 2008.
- GOMES, Laurentino. **Escravidão**: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares, volume I. 1. Ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.
- _____. **Escravidão**: da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil, volume II. 1. Ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021.
- GONÇALVES, R. J. A. F; MENDONÇA, M.R. Sonho de garimpeiro é diamante no picuá: território e trabalho nos garimpos de diamantes em Coromandel/MG. **Revista Pegada**, Presidente Prudente, vol. 12, nº 12, p.60-80, 2011.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>> Acesso em: 09 out. 2023.
- MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Edital SEE nº 04, de 02 de fevereiro de 2023**. Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <<https://www.educacao.mg.gov.br/a-secretaria/concursos-e-editais/programa-de-iniciacao-cientifica-na-educacao-basica-iceb-2023/>> Acesso em: 09 out. 2023.
- SANTOS, Joaquim Felício dos. **Memórias do distrito diamantino**. 5. Ed. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda, 1978.